

BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE CIENTÍFICA EM EPIDEMIOLOGIA DO CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

SCHOLARSHIPS OF SCIENTIFIC PRODUCTIVITY IN EPIDEMIOLOGY FROM THE NATIONAL COUNCIL FOR SCIENTIFIC AND TECHNOLOGICAL DEVELOPMENT

Daniel Antunes Freitas - danielmestradounincor@yahoo.com.br

Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Docente do Departamento de Saúde Mental e Saúde Coletiva da Unimontes.

Istefany Amanda Gonçalves Lima Macedo - amandalimamacedo713@gmail.com

Acadêmica de Serviço Social na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC FAPEMIG Unimontes

José Almir de Sousa Carneiro - almirjcarneiro@gmail.com

Acadêmico de Medicina na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Bolsista de Iniciação Científica FAPEMIG Unimontes.

Leticia Gabrielle Gomes Silva - leticiagabriellegomes@gmail.com

Acadêmica de Medicina na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Bolsista de Iniciação Científica CNPq Unimontes.

Wellington Danilo Soares - wdansoa@yahoo.com.br

Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Unimontes.

Antonio José Díaz Caballero - antoniodiaz@yahoo.com

Doutor em Ciências Biomédicas pela Universidade de Cartagena - Colômbia. Docente do Departamento de Odontologia da Universidade de Cartagena - Colômbia.

Marília Fonseca Rocha - marilia.rocha@unimontes.br

Doutora em Ciências da Saúde pelo Instituto René Rachou - FIOCRUZ/Minas Gerais. Docente do Departamento de Saúde Mental e Saúde Coletiva da Unimontes.

Resumo: Objetivos: Examinar o perfil dos bolsistas de produtividade em pesquisa na área de epidemiologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 2022 e 2023. **Métodos:** Pesquisa quantitativa, descritiva, transversal e correlacional. Através das listas atualizadas disponíveis na Plataforma Lattes foram coletados dados de bolsistas do CNPq na área de epidemiologia. Os resultados foram divididos em categorias para análise simples. **Resultados:** A pesquisa mostrou 298

bolsas de produtividade em epidemiologia do CNPq. Destas, 100% dos bolsistas que possuem a categoria mais alta (Sênior) são homens. Além disso, o sexo masculino predomina na maioria das categorias. A maioria das bolsas de produtividade em pesquisa em epidemiologia estão localizadas na Região Sudeste do Brasil, representando 54% do total. A Região Centro-oeste teve a maior expressividade com 92% de publicações de 0 a 4 artigos. Além disso, 34% dos bolsistas de produtividade em epidemiologia não orientam ninguém em iniciação científica. **Conclusão:** Sugere-se incentivo à diversidade na pesquisa epidemiológica, com maior disponibilização de bolsas e orientações, e incentivar à participação feminina e da população de localidades díspares das centrais.

Palavras-chave: Epidemiologia; Análise estatística; Indicadores de produção científica.

Abstract: Objectives: To examine the profile of research productivity fellows in the area of epidemiology from the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) between 2022 and 2023. **Methods:** Quantitative, descriptive, cross-sectional and correlational research. Through the updated lists available on the Lattes Platform, data was collected from CNPq fellows in the area of epidemiology. The results were divided into categories for simple analysis. **Results:** The research showed 298 productivity grants in epidemiology from CNPq. Of these, 100% of scholarship holders in the highest category (Senior) are men. Furthermore, males predominate in most categories. The most of epidemiology research productivity grants are in the Southeast Region of Brazil, representing 54% of the total. The Central-West region had the greatest expressiveness with 92% of publications of 0 to 4 articles. Furthermore, 34% of productivity fellows in epidemiology do not advise anyone in scientific initiation. **Conclusion:** The majority of scholarships in category 1B belong to men. A significant percentage of scholarship holders in the area of epidemiology do not supervise any postdoctoral students. Regarding productivity, although the scholarships are found in the Southeast Region, there was greater emphasis on the South Region, with the highest percentage of scholarship holders with more than 100 published articles and in the North Region in relation to the number of book chapters published. **Conclusion:** It is suggested to encourage diversity in epidemiological research, with greater availability of balls and guidance, and encouragement of female participation and the participation of the population from locations other than the central ones.

Keywords: Epidemiology; Statistical analysis; Scientific production indicators.

INTRODUÇÃO

A epidemiologia surgiu pela primeira vez nos séculos XVII e XVIII como uma maneira de lidar com os agravos e mazelas que surgiam nos centros urbanos, destacando-se na identificação de questões de grande importância social e coletiva, não se limitando apenas ao controle de doenças e seus agentes causadores, mas principalmente ao melhoramento da saúde da população. ^[1]

Assim, as conexões que existem entre epidemiologia e políticas públicas são diversificadas, tanto no governo quanto nos movimentos sociais, e são essenciais para a tomada de decisões. ^[1] Ademais, apesar dos grandes avanços metodológicos que ocorreram nos últimos anos, a epidemiologia ainda é um campo relativamente novo. ^[1,2]

A pesquisa em Epidemiologia no Brasil cresceu rapidamente. De fato, a epidemiologia moderna no Brasil, na América Latina e na Europa mostra um esforço para superar a abordagem tradicional incorporando aspectos sociais e culturais, buscando uma epidemiologia social e crítica. [2,3]

Por outro lado, a epidemiologia é mais metodológica, matematizada e científica e domina o hemisfério norte. No hemisfério Sul, por outro lado, uma epidemiologia mais consistente, centrada na teoria e que busca, essencialmente, a emancipação humana e está se desenvolvendo. [3]

A produção científica brasileira é a 13ª maior do mundo e representa cerca de 2% da produção mundial, com 12,64% dos investimentos públicos em pesquisa na área da saúde nos últimos anos. [4] O número de publicações brasileiras indexadas no Institute for Science Information (ISI) aumentou nos últimos anos, indicando um aumento na produção científica do país. [4,5]

De acordo com vários estudos, o CNPq desempenha um papel importante na unificação da pesquisa no Brasil, sendo um dos principais órgãos públicos responsáveis por promover a pesquisa científica acadêmica. Além disso, o CNPq oferece aos pesquisadores de todas as áreas de conhecimento que se destacam entre seus pares a modalidade de bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) como forma de reconhecimento pelas atividades de pesquisa desenvolvidas. [5]

Trata-se de uma modalidade de bolsa hierarquizada em seis níveis (PQ-Sr, PQ-1A, PQ-1B, PQ-1C, PQ-1D e PQ-2), muito competitiva que oferece um status diferenciado ao pesquisador e, de forma indireta, à instituição e ao grupo de pesquisa ao qual o pesquisador está associado. A previsão do CNPq é uma pirâmide de concessões com o nível 2 como base e o nível 1A como topo. O nível Sr (Sênior) é o mais alto e é destinado a indivíduos que se destacam como líderes e exemplos em sua área de atuação. Os pesquisadores devem ter sido bolsistas PQ ou em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT) por, no mínimo, 15 anos nos níveis 1A e/ou 1B ou por, no mínimo, 20 anos nos níveis 1A, 1B, 1C e/ou 1D. [5]

É importante considerar como esse financiamento contribuiu para a produção do conhecimento educacional no Brasil por meio de seus pesquisadores. [6] A realização desse exercício estimula a discussão sobre o papel do fomento em um cenário e as posições dos pesquisadores no contexto subnacional.

Nesse viés, conhecer os trabalhos científicos dos principais pesquisadores em epidemiologia permite estabelecer indicadores de progresso e avanço na área de ciência e tecnologia, bem como avaliar o impacto desta educação na prática profissional. [7] Assim sendo, este estudo objetivou examinar o perfil acadêmico e científico dos bolsistas de produtividade em pesquisana área de epidemiologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 2022 e 2024.

METODOLOGIA

O presente estudo se desenvolve como pesquisa quantitativa descritiva, transversal e correlacional, no qual foram obtidos dados de pesquisadores bolsistas de produtividade científica na área da epidemiologia do CNPq. Foram integrados no trabalho pesquisadores citados nas listas anuais de bolsistas do site do CNPq, excluindo da pesquisa aqueles com bolsa interrompida. Foram inclusos dados entre os anos de 2022 e 2023.

Foi elaborado um instrumento para coleta das informações na Plataforma Lattes do CNPq objetivando contemplar critérios fundamentais para a compreensão do perfil dos pesquisadores mais recentes no âmbito da epidemiologia no Brasil, o que impulsionou o desenvolvimento dessa pesquisa a partir dos dados dos bolsistas do CNPq.

Nesse sentido, os seguintes dados foram combinados em tabelas: categoria de bolsa PQ, sexo, região brasileira de origem dos pesquisadores, quantidade de artigos publicados nos últimos 5 (cinco) anos, quantidade de capítulos de livros publicados nos últimos 5 (cinco) anos e porcentagem de orientação baseado no nível de orientação.

Os dados foram cruzados com informações sobre gênero, regiões brasileiras para as quais as bolsas de produtividade da pesquisa foram destinadas e categorias de bolsa de produtividade (Sênior, 1A, 1B, 1C e 1D). Os dados foram tabulados e feitos cálculos estatísticos.

Após o recolhimento dos dados e sistematização dos resultados, foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de se argumentar e correlacionar os dados encontrados com o intuito de desenvolver a discussão.

RESULTADOS

A pesquisa nas listas anuais de bolsistas de produtividade do CNPQ revelou 298 bolsas de produtividade em pesquisa na área de epidemiologia que estão em vigor. Destas, 56% são mulheres e pertencem à categoria 2. A categoria 1B tem 70,5% de homens, enquanto as categorias sênior e 2F não encontraram bolsas para mulheres. Além disso, é notável que a maioria dos candidatos da categoria 2 são mulheres; no entanto, os homens são os candidatos mais produtivos de todas as bolsas.

Com relação à categoria e ao sexo da bolsa de produtividade, representados na tabela 1, 100% dos bolsistas que possuem a categoria mais alta (Sênior) são homens. Além disso, o sexo masculino predomina na maioria das categorias; as categorias 1B, 1C, 1A e 1D têm 70,5%, 65,5%, 58% e 51% de homens, respectivamente. A exceção é a categoria 2, na qual as mulheres correspondem a cerca de 56%, sendo a mais alta entre as pesquisadoras do sexo feminino. A categoria 1D está em segundo lugar com 49%, quase igual a 51% dos pesquisadores masculinos. A categoria 1B tem 29,5% ²⁸¹

de mulheres bolsistas, o menor percentual em comparação com todas as outras categorias que os pesquisadores examinaram. A categoria 1C tem 34,5% de mulheres bolsistas. Além disso, a categoria 1B apresenta a maior disparidade entre pesquisadores homens e mulheres, com cerca de 50% dos pesquisadores sendo de sexo masculino. Ao contrário, nenhum sexo preenche a categoria 1F.

Tabela 1 -Pesquisadores bolsistas apresentados por Categorias e Sexo em Epidemiologia do CNPq.

Categoria	Mulheres	Homens
Sênior	0%	100%
1A	42%	58%
1B	29,5%	70,5%
1C	34,5%	65,5%
1D	49%	51%
2	56%	44%
2F	0%	0%

Fonte: Plataforma Lattes do CNPq (lattes.cnpq.br)

De acordo com os resultados na tabela 2, a região Sudeste do Brasil abriga a maioria das bolsas de produtividade em pesquisa em Epidemiologia, representando 54% do total de bolsas. As regiões Sul e Nordeste têm uma proporção relativamente semelhante de bolsistas, com cerca de 26,85% e 12,10%, respectivamente. A região Norte ocupa o segundo lugar em ordem decrescente, com 4,70% das bolsas. Por último, mas não menos importante, o Centro-oeste, que possui apenas 2,35% das bolsas de produtividade em pesquisa na área da epidemiologia.

Tabela 2 - Região brasileira de origem dos pesquisadores bolsistas em Epidemiologia do CNPq.

Região	n	%
Sudeste	161	54%
Sul	80	26,85%
Nordeste	36	12,10%
Norte	14	4,70%
Centro-Oeste	7	2,35%
Total	298	100%

Fonte: Plataforma Lattes do CNPq (lattes.cnpq.br)

Na tabela 3, foram analisados os números de artigos produzidos pelos bolsistas de produtividade científica em epidemiologia. Os dados foram calculados usando a área do

bolsista. A região Norte não selecionou candidatos que produzissem entre 0 e 6 artigos ou mais de 100 artigos. Apesar disso, 66% dos pesquisadores na região Norte publicaram entre 07 e 55 artigos, enquanto 34% publicaram entre 56 e 100 artigos. A maioria dos pesquisadores publicou entre 07 e 50 artigos, com a região Nordeste tendo o maior número de publicações, com 89,5%. A região sul, por outro lado, teve os bolsistas com a maior produtividade entre 56 e 100 artigos, representando 15,5% do total de bolsistas. No tocante à produção de mais de 100 artigos, a região Sul obteve a maior porcentagem, com 12,50% do total de bolsistas, seguida das regiões Sudeste e Nordeste, com 6,70% e 4% dos bolsistas, respectivamente.

Tabela 3 -Percentual de Artigos Publicados, apresentados por região.

Região	0-6	7 - 55	56 - 100	>100
Sudeste	6,50%	73,50%	13,30%	6,70%
Sul	2%	70%	15,50%	12,50%
Nordeste	1%	89,50%	5,5%	4%
Norte	0%	66%	34%	0%
Centro-Oeste	1%	55%	42%	2%

Fonte: Plataforma Lattes do CNPq (lattes.cnpq.br)

A Tabela 4 apresenta uma análise estatística da produtividade de capítulos de livros dos bolsistas de produtividade em Epidemiologia. Os bolsistas do Norte e do Centro-oeste não tinham mais de dez capítulos de livros publicados. A região Centro-oeste teve a maior expressividade, com 92%, em publicações de 0 a 4 artigos. A região Nordeste teve o segundo maior nível, com 91%. Por outro lado, 26% dos pesquisadores trabalharam na região Sudeste com mais de 5 (cinco) a 10 (dez) publicações. A região Norte foi a que obteve o maior destaque, com o maior percentual de bolsistas com mais de 10 capítulos publicados, perfazendo 3,5% dos bolsistas da região, seguida das regiões Nordeste e Sudeste, com percentual de 3% e 2% do seu total de bolsistas, respectivamente.

Tabela 4 -Percentual de Capítulos de Livros publicados, apresentados por região.

Região	0 - 4	5 - 10	>10
Sudeste	72%	26%	2%
Sul	84%	16	0%
Nordeste	91%	6%	3%
Norte	82,5%	14%	3,5%
Centro-Oeste	92%	8%	0%

Fonte: Plataforma Lattes do CNPq (lattes.cnpq.br)

A tabela 5 mostra que a maioria dos bolsistas na área de epidemiologia não orienta nenhum pós-doutorando, cerca de 60% e 20% orienta de 1 a 3 pós-doutorandos. A maioria dos doutorandos orienta entre 4 e 6 (seis), cerca de 35,50%, sendo apenas 8,50% que não orienta nada. No

mestrado, 40% dos alunos orientam de 4 a 6 mestrados; a seguinte é a porcentagem de 21,50% que orienta de 7 a 9 mestrados e a porcentagem de 5,50% que não orienta nenhum mestrado. A maioria dos pesquisadores de Epidemiologia orienta 1 a 3 (três) bolsistas de iniciação científica, o que representa 41% do total. Além disso, 34% dos bolsistas de produtividade em Epidemiologia não orientam ninguém da iniciação científica.

Tabela 5 -Percentual de orientações conforme Nível de orientação.

Orientações	0	1 - 3	4 - 6	7 - 9	≥10
Pós-doutorado	63%	20%	13%	2%	2%
Doutorado	8,50%	27%	35,50%	17%	12%
Mestrado	5,50%	12,50%	40%	21,50%	20,50%
Iniciação	34%	41%	13%	10%	2%

Fonte: Plataforma Lattes do CNPq (lattes.cnpq.br)

DISCUSSÃO

Os estudos epidemiológicos têm grande importância na sociedade no que diz respeito a avaliar variantes de diversos setores, o que influencia em toda a organização política populacional, principalmente no que remete à saúde. [8] A pesquisa nessa área tem grande influência nesse cenário, gerando resultados que implicam na modificação dessas variáveis e viabilização da estruturação de projetos aplicáveis na sociedade. A ciência vem então como geradora de conhecimento e difusão de saberes, devendo ser valorizada e incentivada a partir de bolsas de pesquisa como o CNPq.

Contudo, percebe-se, a partir do presente estudo, a prevalência do sexo masculino entre as diversas categorias das listas anuais de bolsistas de produtividade do CNPq, inexistindo mulheres na categoria mais alta. Isso indica a não difusão plena da pesquisa de forma satisfatória entre os gêneros no âmbito da epidemiologia nessa circunstância. [9]. Nesse sentido, apesar de concreto que fatores como a maternidade influenciam nesse cenário, o que interfere diretamente na prevalência de mulheres com idade superior em relação ao sexo masculino conquistando bolsas científicas [10], assume-se que não faz mais sentido, na modernidade, haver ainda entraves para a produção científica feminina, a qual vem provando a partir das décadas sua igual capacidade de adquirir cargos tão altos quanto os homens.

Contudo, não é essa a realidade no âmbito da pesquisa, a partir das listas de bolsistas de produtividade do CNPq. Isso se corrobora ao analisar os resultados que apontam a predominância masculina na maioria das categorias – 1B com 70,5%; 1C com 65,5%; 1A com 58% e 1D com

51% de homens – e como a categoria mais alta entre as mulheres, a categoria 2, tem cerca de apenas 56% de mulheres atuantes. Já a categoria sênior, a maior das categorias, não contém pesquisadoras femininas. Essa disparidade influencia diretamente nos índices de desigualdade entre mulheres e homens, mesmo que esse contraste vem se reduzindo nas últimas décadas.^[9]

Os fatores que induzem essa disparidade dizem respeito ao preconceito arraigado na cultura brasileira que, apesar das novas condutas políticas visando sua diminuição, ainda são recorrentes, como o estereótipo de que a mulher não tem capacidade de administrar certas atividades, mas sim se dedicar à maternidade e ao lar ^[11]. Essa disparidade também foi revelada em estudos de outras áreas, o que reflete esse caráter cultural.

Outro fator que influencia a pesquisa em epidemiologia no Brasil é a disparidade e prevalência das bolsas em regiões restritas do país, já que 54% das bolsas são da região sudeste. Sabe-se que a desigualdade regional no país está relacionada a desigualdade de renda e de investimento e distribuição do capital brasileiro ^[12] e que, apesar da busca por maiores direitos e igualdade entre as diversas regiões do Brasil, aspectos que são influenciados diretamente pela economia continuam díspares, como a pesquisa.

Entretanto, é fato que outras regiões do Brasil estão se desenvolvendo gradativamente como novos polos geradores de ciência, tecnologia e inovação além da região sudeste, com destaque para a região nordeste ^[12]. Atualmente se consegue ver o estímulo para a despolarização da pesquisa, aumentando a distribuição de bolsas de acordo com o desenvolvimento de novas sedes de pesquisa, sendo as universidades públicas como grandes incentivadoras da ampliação de novos grupos de pesquisa e desenvolvimento científico a partir do surgimento de mais pesquisadores com nível de doutorado, por exemplo ^[12].

Contudo, apesar dos diversos avanços no que diz respeito à pesquisa, não se pode dizer que o Brasil convive com o conhecimento científico já que apenas 12% da população ativa tem nível universitário ^[12]. Isso traduz os índices de polarização de sexo e região supracitados, já que o país ainda necessita de mais incentivos para o desenvolvimento científico, principalmente no que diz respeito à pesquisa epidemiológica.

Outro resultado que a realidade de exígua científicidade influencia é a quantidade de artigos publicados pelos pesquisados de produtividade científica, uma vez que a maior parte dos pesquisadores publicou entre 07 e 50 artigos e a quantidade de capítulos publicados também ainda é pequena em relação ao potencial que os pesquisadores brasileiros têm de desenvolver a pesquisa no país.

Ademais, outro fator que influencia a não efetividade da pesquisa no Brasil é a ausência de orientação pelos bolsistas na área de epidemiologia, pois cerca de 8,5% dos doutorandos não são orientados, 5,5% não é orientado no mestrado e 34% dos bolsistas de produtividade em

Epidemiologia não orientam ninguém da iniciação científica. Isso acaba desmotivando o pesquisador já que as bolsas são fomentos para desenvolvimento de pesquisa e muitas vezes ficam retidas ao invés de utilizadas para melhor desenvolvimento científico no Brasil.

Esses índices ainda expressivos contribuem para o desbalanço na inserção do acadêmico na iniciação científica e na pesquisa, o que interfere tanto no desenvolvimento do país quanto no desenvolvimento pessoal do pesquisador.

CONCLUSÃO

O estudo constatou que a maioria dos pesquisadores pertence ao gênero masculino, sem predisposição para isso. Além do mais, porcentagem expressiva dos bolsistas em epidemiologia não orienta nenhum pós-doutorando. Apesar de o Sudeste ter recebido mais bolsas, a região Sul teve a maior produtividade, com o maior número de bolsistas com mais de 100 artigos publicados; o Norte teve o maior número de capítulos de livros publicados. Nesse viés, o estudo conclui que há necessidade de maiores incentivos à pesquisa feminina, particularmente em gestão, para criar um ambiente científico mais equitativo e facilitar mudanças e melhorias globais, particularmente em países em desenvolvimento como o Brasil.

A demanda por reduzida concentração da produção científica em regiões específicas do Brasil é evidente devido à capacidade do país de desenvolver pesquisa científica de qualidade em diversas áreas dispersas. O fato de mais pesquisadores serem estimulados a desenvolver pesquisas, particularmente em epidemiologia, em suas regiões levará a resultados mais assertivos e melhores condições de progresso.

Na pesquisa epidemiológica, é necessário promover a diversidade por meio de maior disponibilização de bolsas e orientações, bem como incentivando a participação de mulheres e de pessoas de localidades díspares das centrais que ainda dominam a ciência e o capital. Assim, mais pesquisas serão produzidas pelos bolsistas de produtividade científica em epidemiologia em todas as regiões do país e maior será a capacidade de mobilizar políticas de acordo com as necessidades de cada território.

REFERENCIAS

1. Schenkman S. Epidemiologia e emancipação humana: uma revisita aos princípios da justiça. *Saúde debate* [Internet]. 2023;47(136):269–91. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313618>. Acesso em: 07 ago 2024.
2. Barata RB. Epidemiologia e políticas públicas. *Revbrasepidemiol* [Internet]. 2013;16(1):3–17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000100001>. Acesso em: 07 ago 2024.
3. Silva AAM, Peixoto SV. A produção científica em Epidemiologia na Revista *Ciência &*

Saúde Coletiva. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2020;25(12):4693–701. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18492020>. Acesso em: 07 ago 2024.

4. Cotrim Fagundes L, Júnia Reis Paz C, Parrela Álvaro, Antunes D, Danilo Soares W. Bolsistas de produtividade científica em enfermagem do conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico. Rev. Bras. Saúde Funcional [Internet]. 2021;9(1):16. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/RBSF/article/view/1383>. Acesso em: 07 ago 2024.

5. Gomes CB, Calabró L, Oliveira SR, Martins LAM, Souza DO, Gheno EM. Características dos bolsistas de produtividade em pesquisa da grande área Ciências da Saúde do CNPq. Em Quest [Internet]. 2023;29:e–123639. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245.29.123639>. Acesso em: 07 ago 2024.

6. Weber JLA, Ramos CC, Mester A, Lindern D, Hörlle KR, Souza CS, et al. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em Psicologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Estudpsicol (Campinas) [Internet]. 2015;32(1):01–11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000100001>. Acesso em: 07 ago 2024.

7. Franco LJ. A pesquisa em Epidemiologia: dificuldades e perspectivas. Saúdesoc [Internet]. 1995;4(1-2):31–4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12901995000100006>. Acesso em: 07 ago 2024.

8. Barros SCV, Mourão L. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. PsicolEstud [Internet]. 2020;25:e46325. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.46325>. Acesso em: 07 ago 2024.

9. Fagundes LC, CJR, Parrela A, Antunes D, Soares WD. Bolsistas de produtividade científica em enfermagem do conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico. Rev. Bras. Saúde Funcional [Internet]. 2021 [citado 2 out 2023];9(1):16. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/RBSF/article/view/1383>. Acesso em: 2 out 2023.

10. Soares WD, Rocha BB, Moura JIL, Marcelino LA, Moura WL, Freitas DA. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em psicologia. In: Finelli LAC, Finelli LAC, organizadores. Revisão Bibliográfica: o uso da metodologia para a produção de textos [Internet]. 2 vol. 1 ed. Guarujá: Editora Científica Digital; 2022. 75-88 p. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.37885/220809765>. Acesso em: 08 ago 2024.

11. Moreira JR, Marcelino LA, Braga PF, Freitas DA, Soares WD. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade na área de Saúde Mental. SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog [Internet]. 10 de abril de 2023 [citado 2 out 2023];19(1):82-93. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/188149>. Acesso em: 2 out 2023.

12. Soares M, Severino AJ. A prática da pesquisa no ensino superior: conhecimento pertencente na formação humana. Avaliação (Campinas) [Internet]. 2018;23(2):372–90. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000200006>. Acesso em: 07 ago 2024.